

O uso das tecnologias digitais de informação e comunicação - TDIC na concepção freiriana e suas contribuições para o ensino de humanidades

The use of digital information and communication technologies - TDIC in the freirian conception and its contributions to humanities teaching

Luiz Fernando Leal Bernardo¹, Charles Moreto², Rodrigo Ferreira Rodrigues³, Mariane Luzia Folador Berger⁴

Como citar esse artigo. BERNARDO, L. F. L. RODRIGUES, R. F. MORETO, C. BERGER, M. L. F. O uso das tecnologias digitais de informação e comunicação - TDIC na concepção freiriana e suas contribuições para o ensino de humanidades. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 15, n. 2, p. 269-276, mai./ago. 2024.

Resumo

O presente trabalho busca discutir as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDIC, a partir de um viés freiriano. Sendo assim foi realizado um estudo bibliográfico, tendo como objetivo discutir o uso das tecnologias digitais TDIC's na concepção freiriana, assim como suas contribuições para o ensino de humanidades. Para responder a este objetivo, realizou-se um ensaio descritivo a partir das seguintes abordagens: O ensino de humanidades num viés tecnológico; Alfabetização Digital x Educação Bancária e o Papel da Escola na Cultura Digital. Com este trabalho, foi possível refletir sobre os estudos tecnológicos numa perspectiva freiriana, demonstrando que o acesso às tecnologias não garante a efetivação de uma educação dialógica, e as reflexões de Freire ajudam a fomentar uma educação tecnológica, contrapondo toda a prática hegemônica da educação bancária.

Palavras-chave: Educação. Alfabetização Digital. Cultura Digital. Paulo Freire.



Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Abstract

The present work aims to discuss Digital Information and Communication Technologies (DICT) from a Freirian perspective. Therefore, a bibliographic study was conducted with the objective of discussing the use of DICT within the Freirian conception and their contributions to the teaching of humanities. To address this objective, a descriptive essay was carried out based on the following approaches: The teaching of humanities from a technological perspective; Digital Literacy vs. Banking Education; and The Role of the School in Digital Culture. Through this work, it was possible to reflect on technological studies from a Freirian perspective, demonstrating that access to technologies does not ensure the realization of dialogical education. Freire's reflections help to promote a technological education that opposes the hegemonic practice of banking education.

Keywords: Education. Digital Literacy. Digital Culture. Paulo Freire.

Introdução

O uso de tecnologias tem se tornado imprescindível na atualidade, pois podem ser aliadas ao ensino e aprendizagem somando de forma efetiva no processo educativo. Lévy (1993) destaca que as formas de pensar, conviver e ensinar estão embricadas no mundo das telecomunicações e informática, de forma que as relações sociais estão permeadas pelos dispositivos informacionais de todos os tipos. Desta forma, aliá-las ao ensino de humanidades é um grande desafio, que será discutido neste artigo.

Afiliação dos autores:

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades, do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória, Vitória, Espírito Santo, Brasil.

²Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória, Vitória, Espírito Santo, Brasil.

³Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória, Vitória, Espírito Santo, Brasil.

⁴Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades, do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Vitória, Vitória, Espírito Santo, Brasil.

Email de correspondência: fernandoleal21@outlook.com

Recebido em: 21/12/2023. Aceito em: 10/07/2024.

Nos estudos de Souza (2015), já havia essa problematização, porque as escolas contemporâneas não avançam criticamente para uma inovação tecnológica no ensino de humanidades, pois Kant (1973 *apud* SOUZA, 2015 p.22) já nos alertava sobre essa necessidade de refletir sobre os interesses humanos na perspectiva deste ensino.

Desta forma, Freire e Guimarães (2013) destacam que:

[...] a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípua da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil. Curiosidade com que nos podemos defender de “irracionalismos” decorrentes do ou produzidos por certo excesso de “racionalidade” de nosso tempo altamente tecnologizado (FREIRE; GUIMARÃES, 2013 p. 180).

Sendo assim, estabeleceu-se como objetivo: discutir o uso das tecnologias digitais TIDC's na concepção freiriana, assim como suas contribuições para o ensino de humanidades, uma vez que as tecnologias educacionais, se não forem providas do entendimento crítico, podem recair sobre o velho dilema do tecnicismo educacional.

No entanto, discutir o ensino de humanidades neste viés tecnológico requer analisar alguns pontos que serão cruciais para compreensão desta temática, tais como: alfabetização digital, o papel da escola na cultura digital e trazer um panorama, destacando em documentos curriculares esta inserção da tecnologia no âmbito educacional.

À luz do pensamento de Cipriani e Eggert (2017), é notório que ainda existe uma guerra ideológica acerca dos meios digitais, estes que, numa perspectiva freiriana, são fundamentais para uma educação orgânica, na perspectiva da formação de sujeitos autônomos, que deem conta de refletir criticamente sobre as armadilhas mercadológicas da contemporaneidade, o que exige uma alfabetização crítica com apropriação dos diferentes enunciados linguísticos em uma sociedade global e tecnológica, em que grande parte dos brasileiros ainda possuem fragilidades em seu processo de alfabetização digital, formados, na maioria das vezes, por uma educação bancária (FREIRE, 1987).

O ensino de humanidades num viés tecnológico

Diante do processo de evolução tecnológica, as áreas de conhecimento precisam de artifícios que dialoguem com essas mudanças para continuarem sendo relevantes e significativas para os estudantes, porém, sem perder de vista seus objetivos fundantes e sem se desvencilhar do processo de formação para a cidadania e das respostas aos problemas sociais.

Dewey (2004) já se preocupava com essa revolução tecnológica, e usou uma metáfora pragmática sobre uma possível “morte das humanidades”. Nesse sentido, ele é crítico e condizente, quando associa este fato aos profissionais que ignoram o novo, arriscando com a repetição de métodos ultrapassados, e quando afirma sua preocupação com a velocidade das informações que se confundem com a aquisição de novos conhecimentos. Para o autor, os jovens buscam cada vez mais a internet sem se preocupar com a reflexão aprofundada sobre o que se pesquisa o que leva a um desempenho insatisfatório, portanto, a hipótese do determinismo técnico não é válida (DWYER, 2010, p. 174).

Deste modo, Freire (1992), critica veementemente métodos repetitivos, em ordem cronológica, sendo o futuro meramente projetado por repetição mecânica do presente, e a educação torna-se um adestramento, onde não há voz e nem vez para os sujeitos, restando apenas a esperança. E também destaca

que “a industrialização vem promovendo a sua transformação de espectador quase incomprometido em ‘participante’ ingênuo, em grandes áreas da vida nacional” (FREIRE, 2001, p. 31). Nesse sentido, o trabalhador se vê cada vez como parte integrante da engrenagem da máquina, reproduzindo ações de forma mecânica, servindo ao sistema fabril.

Compreende-se, a partir do exposto, que os currículos escolares devem promover reflexões sobre o mundo do trabalho e suas tecnologias de forma que a preparação para o mundo do trabalho venha agregada aos conceitos de trabalho em sua concepção ontológica, numa perspectiva de educação politécnica e omnilateral, e não meramente mercantil e utilitarista (FRIGOTTO, 2012).

Sendo assim, Silva *et al.* (2019), complementam que:

em tempos de ascensão tecnológica e mediática são necessárias ferramentas que interajam e favoreçam para a preparação do aluno, com ensino inovador sobre o estudo das disciplinas de Ciências Humanas, que contemple o acompanhamento social e tecnológico, imprescindível na educação (SILVA *et al.* 2019, p. 71).

Deste modo, faz-se necessário repensar nossos espaços educativos, inserindo-nos nessa cultura digital, pois Cabral e Rodrigues (2016) afirmam que:

a cultura digital propõe mudar os espaços, os tempos, o funcionamento da sala de aula, admitindo a participação dos alunos a construir o saber, mediado com o professor, com a rede, interagindo com as práticas sociais, virtuais, globalizadas, na qual, se não todos, a grande maioria dos alunos está inserida. É repensar a estrutura dinâmica das identidades e da cultura, instaurar a troca e a cooperação (CABRAL; RODRIGUES, 2016 p.499).

Nessa perspectiva, precisa-se colocar o estudante situado neste campo de conhecimento, mesmo que utilizando de artifícios que o levem a ir ao encontro deste saber, pois de acordo com Araújo *et al.* (2019, p. 5) o “ensino das humanidades estimula o jovem a se situar no mundo, a desvelar os sentidos íntimos da espécie humana nas relações que estabelecem entre si e com a natureza na produção de cultura e da vida em sociedade”. As Ciências Humanas e Sociais, em um contexto tecnológico, precisam estimular pesquisas que deem conta de compreender como a sociedade se comporta em ambiente virtual, digital e informatizado, evidenciando também como isso afeta as relações humanas e a educação.

Enquanto docentes, podemos perceber uma infinidade de métodos que permitem explorar as humanidades num viés tecnológico, de forma atrativa e instigante para os estudantes, pois Silva *et al.* (2019), abordam que com o acesso à internet os estudantes são equiparados com excelentes fontes de pesquisa, que complementam o recurso básico, que é o livro didático. Contudo, é preciso ter o cuidado e rigor necessários para que os processos de pesquisa sejam aplicados com a profundidade da compreensão de conhecimentos e não simplesmente agregados à busca de informações, para que o processo educacional não se efetive na superficialidade e, sim, na consolidação dos objetos de conhecimentos tão necessária para a formação crítica e cidadã dos sujeitos.

Dewey (2010) nos aponta a importância das tecnologias para as humanidades, fazendo um recorte histórico, com evidências que fundamentaram as ciências sociais e somam aos nossos saberes até os dias atuais, pois

Os fundadores da Sociologia, entre os quais Karl Marx e Émile Durkheim, mudaram a compressão das atividades sociais, em parte porque, de modo parecido a Galileu, empregavam as tecnologias mais avançadas de sua época para recolher suas informações: viagens de trem e de barco (para entrevistar representantes dos novos, dos velhos atores

sociais, e para observar partes do mundo antes desconhecidas), grandes bibliotecas (para estudar temas e partes do mundo de difícil acesso, ou temas específicos) e as estatísticas de todos os tipos sobre a sociedade (DEWER, 2010 p. 174).

Desta forma, percebe-se o quanto as tecnologias vêm sendo exploradas ao longo do tempo, enriquecendo as áreas de conhecimento, proporcionando novas formas de compreender a realidade, por meio da exploração e percepção do espaço, e das ferramentas tecnológicas.

Alfabetização digital x educação bancária

A alfabetização é de suma relevância para a vida social dos sujeitos na atualidade, é a partir dela que se operam e se realizamos processos linguísticos de comunicação e expressão. Com o passar do tempo, foi se aprimorando para facilitar o trabalho dos educadores, bem como as especificidades dos educandos. Sendo assim, na era tecnológica faz-se necessário refletir sobre a alfabetização digital, que é muito relevante para sociedade contemporânea, visto que por meio desta, os sujeitos tomam conhecimento das possibilidades fornecidas pelo mundo cibernético (LÉVY, 2010).

Entendemos que crianças, adolescentes, jovens e adultos estão todos imersos em processos educacionais mediados por tecnologia, sejam elas digitais ou não. Mesmo os adultos encontram-se em ambientes de trabalho onde a tecnologia é predominante. As crianças, por sua vez, crescem em um mundo onde a tecnologia está presente desde cedo. Mesmo aquelas de famílias em situação de vulnerabilidade social têm algum contato com esses meios. Portanto, a alfabetização digital deve ganhar espaço nas discussões educacionais, sendo fundamental para o processo de ensino e aprendizagem e para a formação da consciência de cada pessoa.

No entanto, Maciel e Moreira (2021), discutem sobre a alfabetização digital, alertando que esta não se limita a manusear um computador ou um equipamento eletrônico, são processos que demandam um conhecimento e saber utilizá-lo em seu cotidiano. Pois, “Alfabetização e letramento digital são processos que envolvem assim como na alfabetização e letramento da língua escrita, a capacidade do indivíduo ler, compreender e utilizar as informações obtidas via internet.” (MACIEL, MOREIRA, p.2).

Deste modo, Colello (2015) complementa que:

A história da alfabetização esteve, portanto, associada não só às competências específicas, mas também à incorporação de novas tecnologias próprias de tempos e lugares. Em outras palavras, as condições, instrumentos, suportes e funções da escrita mudam assim como mudam as práticas que lhe dão sentido (COLELLO, 2015 p. 272).

Em tempos de cibercultura, ou seja, da cultura crescente de acesso à internet, cabe à escola incorporar em seus currículos a alfabetização digital de modo que os alunos possam, em seus processos de aprendizagem, desenvolver os saberes necessários para se apropriar dos bens culturais utilizando a internet de maneira consciente. Isso implicará em um currículo com intencionalidade pedagógica com vistas à cultura digital como um processo que envolve todas as áreas de conhecimento, não se limitando somente aos laboratórios de informática ou aos professores que atuam com os componentes voltados para a apropriação dessas habilidades virtuais e digitais, mas, sobretudo, que as escolas assumam a cultura digital como princípio para a inclusão social. Para Freire, é preciso se apropriar dos artefatos tecnológicos, sem desconsiderar suas contradições, compreendendo-os de forma crítica, pois a educação não se sustenta sem a técnica, mas, tampouco vive sem ela.

A educação não se reduz à técnica, mas não se faz educação sem ela. Utilizar computadores na educação, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa de nossos meninos e meninas. Dependendo de quem o usa, a favor de quem e para quê. O homem concreto deve se instrumentar com o recurso da ciência e da tecnologia para melhor lutar pela causa de sua humanização e de sua libertação. (FREIRE, 2001, p. 98).

Assim, ao analisar o processo de alfabetização digital num viés freiriano, Menegaz e Gervasoni (2020), discorrem sobre a proposta freiriana, contribuindo para a construção de um novo paradigma educacional, frente aos desafios da contemporaneidade, pois

[...] a proposta freiriana é progressista no sentido de incentivar a investigação, a leitura de mundo, a tematização e a problematização em uma ação transformadora. Não há motivo para se crer que o autor se oporia de qualquer forma à aplicação de seu aporte teórico ao conteúdo que se torna (quicá) o mais relevante da era digital (MENEGAZ; GERVASONI, 2020 p. 109).

Deste modo, a alfabetização perde seu caráter especificamente escolar, pois deve-se levar em conta os espaços não formais, tais como o da sociedade letrada e tecnológica. No entanto faz-se necessário o ajustamento de práticas que dialoguem com o contexto digital, por isso a necessidade de revisão de conceitos e posturas (COLLELO, 2015).

Quando se analisa o método de Freire na atualidade, é possível perceber o quanto é relevante no âmbito tecnológico nesta perspectiva de “alfabetização digital”, pois o mesmo não se baseia em repetição de palavras, mas leva o estudante a um pensamento lógico em um discurso abstrato, desta forma o alfabetizando analisa criticamente as palavras em seu mundo, e tem oportunidade de externar as suas (FREIRE, 1987).

À luz do pensamento de Menegaz e Gervasoni (2020), a alfabetização precisa contribuir para a autonomia dos estudantes diante das mudanças sociais e tecnológicas, podendo interagir como produtores e consumidores de conteúdos no mundo das mídias digitais, entretanto, com autonomia e nível de compreensão crítico para interagir nas comunicações em rede. “Em suma, a alfabetização digital descreve o ato de ensinar o indivíduo a ler e compreender o que acontece e se desenvolve no meio digital.” (MENEGAZ; GERVASONI, 2020 p. 109).

Contudo, mediar o processo com ferramentas e mídias digitais não anula o caráter bancário da educação tradicional, que reforça o aspecto antidialógico e de repetição, apenas mudando os instrumentos num viés “tecnológico”, contrapondo a prática problematizadora, que é dialógica, tornando os estudantes mais críticos e investigativos adotando temas geradores (FREIRE, 1987).

Ainda em Freire (1981), encontramos que a tecnologia é expressão natural do ser humano, de sua capacidade criativa. A tecnologia não é obra de demônios, mas da humanidade: as tecnologias fazem parte do desenvolvimento natural de todo e qualquer ser humano e, como tal, deve “servir” a situações de ensino que possam humanizar (FREIRE, 1981).

O papel da escola na cultura digital

A escola é uma instituição que contribui para a formação social, e, diante de todas as mudanças que permeiam a atualidade, faz-se necessário pensar em estratégias que pareiem a escola com o perfil discente, pois estamos inseridos numa cultura digital.

Deste modo, à luz dos estudos de Melo, Vasconcelos e Fonseca Neto (2020), que discutem sobre um fazer pedagógico, e destacam que:

Paulo Freire está em constante reinvenção e seu legado traz em si uma ontologia cuja complexidade teórica é capaz de fundamentar questões basilares do pensar e do fazer pedagógico em todo espaço que se diz educativo, abrindo possibilidades e criando campos de atuação, de pesquisa e abordagens inovadoras até para questões ditas clássicas na área da educação como, por exemplo, a relação entre educador e educando, mediatizada pelo mundo e pelos processos didático-pedagógicos, incluindo-se nesse contexto o uso das tecnologias no ensino e as possibilidades ou barreiras para a sua democratização (MELO; VASCONSELOS; FONSECA NETO, 2020, p. 205).

No entanto é necessário desmitificar essa visão opressora da escola, como transmissora de conhecimento e valores culturais, pois Maschio (2015), aponta que:

por muito tempo, o entendimento da escola foi reduzido a sua função transmissora da cultura. Uma cultura dominante, que por sua vez, era definida fora do espaço escolar e imposta por meio de prescrições que determinavam a prática pedagógica sem que houvesse intervenção por parte dos membros que compartilhavam da experiência escolar (MASCHIO, 2015, p. 580).

Freire (1987) nos provoca a discernir qual o tipo de educação queremos difundir em nossas escolas, a educação bancária, focada na transmissão de conhecimentos e valores, impostos por uma sociedade opressora, disseminando a cultura do silêncio, ou a educação humanista, libertadora ou emancipatória que se abre para a apropriação dos conhecimentos de forma mais dialógica, a partir dos contextos históricos, sociais e culturais, com os quais estamos envolvidos.

No contexto da educação bancária, mercadológica e hegemônica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi estabelecida, incluindo a cultura digital como uma das competências fundamentais da educação básica. Além disso, reconhecemos a importância da cultura digital como um dos princípios da inclusão social, conforme já mencionado anteriormente. Portanto, entendemos que a aquisição de habilidades digitais é um direito de cada cidadão, permitindo sua inserção social e acompanhamento dos avanços científicos e tecnológicos.

O próprio documento da Base Nacional Comum Curricular reconhece que

[...] essa cultura também apresenta forte apelo emocional e induz ao imediatismo de respostas e à efemeridade das informações, privilegiando análises superficiais e o uso de imagens e formas de expressão mais sintéticas, diferentes dos modos de dizer e argumentar característicos da vida escolar (BRASIL, 2017, p. 61).

Com isso, cabe aos educadores a incorporação da cultura digital aos currículos com uma visão aprofundada de seus benefícios e malefícios, e seus impactos nas relações sociais. Mais uma vez, cabe a reflexão crucial sobre o acesso ao conhecimento proporcionado pelas tecnologias e o domínio de técnicas e procedimentos que estão a serviço da humanidade, numa visão contra hegemônica.

À luz dos estudos de Morais e Fagundes (2011), compreende-se que a escola precisa se repaginar para resolver a diversidade de problemas e singularidades no âmbito educacional, pois precisa-se de uma formação crítica e autônoma dos sujeitos, sendo assim, “a escola precisa adequar-se a tal contexto e, portanto, passar de um modelo baseado na reprodução de conhecimento (cultura industrial) para um modelo de produção de conhecimento” (MORAIS; FAGUNDES, 2011 p. 102).

Entretanto, Freire (1996) aborda que o papel da escola está intrinsecamente relacionado à produção de conhecimento, enfatizando a criticidade, inteligibilidade e comunicabilidade das coisas, deste modo “é

imprescindível que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de “amaciá-la” ou “domesticá-la” (FREIRE, 1996 p. 63).

Lucena e Oliveira (2014), refletem sobre os desafios enfrentados pela escola, diante da cultura digital, apontando que:

Trabalhar com as culturas digitais e com as tecnologias móveis na escola não é apenas usar uma nova metodologia de aprendizagem para transmitir conteúdos enfadonhos, mas pode ser pensar nesse novo indivíduo que é praticante cultural e que pensa, produz saberes e que compartilha opiniões, conteúdos e informações nas redes digitais (LUCENA; OLIVEIRA, 2014 p. 42).

Contudo, pautando-se numa perspectiva freiriana, evidenciando uma educação libertadora, não podemos disseminar nesta cultura, mesmo que “digital”, uma transmissão de conhecimentos e valores, tal como ocorre na educação bancária, mas a educação tem que ser de forma cognoscente, autônoma e problematizadora, formando uma sociedade crítica (FREIRE, 1992). Assim, a apropriação dos saberes tecnológicos e digitais integra os bens culturais acumulados historicamente pela humanidade.

Considerações finais

Com base nestes estudos e reflexões sobre o uso das TDIC na concepção freiriana, e suas contribuições para o ensino das humanidades, foi perceptível que estas são de grande relevância para a prática docente na atualidade.

Ao discutir sobre as humanidades, sob a ótica das tecnologias, foi possível analisar o quanto se faz necessário refletir historicamente sobre o homem e sua evolução tecnológica, observando o quanto as tecnologias permeiam esse processo e contribuem sistematicamente para o ensino das ciências humanas numa perspectiva integral.

Deste modo, é necessário compreender o ser humano e sua atuação no meio social, cultural e tecnológico, provocando reflexões sobre a alfabetização digital em contraposição à educação bancária, pois a inserção do sujeito na cultura digital não anula o método tradicional reproduzido na educação bancária.

No entanto, a escola precisa desempenhar um papel formativo na cultura digital, contribuindo para a construção de uma sociedade autônoma e crítica. Compreendemos que as culturas digitais são fundamentais para a vida social; através delas, as pessoas socializam seus anseios e reconstróem suas vidas e relações políticas, econômicas e culturais.

Contudo, quando se analisa historicamente o processo evolutivo da educação, é notório que este se deu concomitante ao processo de evolução tecnológica. Deste modo as TDIC somaram efetivamente ao processo de ensino e aprendizagem, e os estudos de Freire são primordiais para garantir uma educação dialógica e contrapor toda prática hegemônica de repressão existente na educação bancária.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

CABRAL, Zuleica Aparecida; RODRIGUES, Caroline Vieira. Tecnologia em Sala de Aula: Formação Docente em Foco. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**. Londrina, v. 17, p. 491-500, 2016. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/4551>. Acesso em: 18 maio 2023.

CIPRIANI, Cristian; EGGERT, Elda. Os jogos digitais na educação: possibilidades como temas geradores. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 19, n. 41, p. 242-254, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3293>. Acesso em: 02 maio 2023.

COLELLO, Silvia de Mattos Gasparian. **A escola e as condições de produção textual**: conteúdos, formas e relações. 2015. 495 f. Tese (Livre-docência) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/48/tdde-26042016-134026/publico/ColelloSilviaLD2015.pdf>. Acesso em: 18 maio 2023.

DWYER, Tom. Sociologia, tecnologias de informação e comunicação. *In*: MORAES, C. A. C. (Org.). **Coleção Explorando o ensino - Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, v. 15, p. 163-186, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7843-2011-sociologia-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 maio 2023.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia novos diálogos sobre a educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 25. ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: Um encontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LUCENA, Simone; OLIVEIRA, José Mario Aleluia. Culturas digitais na educação do século XXI. **Revista tempos e espaços em educação**. Sergipe, v.7, n. 14, p. 34-44, 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/3449>. Acesso em: 23 maio 2023.

MACIEL, Bruna Nunes Oliveira; MOREIRA, Rosilene. Alfabetização e letramento digital para idosos. **Anais do V Seminário Formação Docente – Intersecção entre Universidade e Escola - Paulo Freire: contribuições para a educação pública**, v. 4, n. 4, p. 1-7, 2021. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/seminarioformacaodocente/article/view/7447>. Acesso em: 17 maio 2023.

MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. A cultura digital na escola: reflexões sobre a transformação da prática educativa escolar. **Revista Intersaberes**, v. 10, n. 21, p. 577-594, 2015. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/897>. Acesso em: 03 maio 2023.

MELO, Antognioni Pereira de; VASCONCELOS, Nelson Adriano Ferreira de; FONSECA NETO, João César da. O papel da tecnologia na educação em tempos de pandemia: concepções sobre o legado de Paulo Freire. **Reflexão e Ação**, v. 30, n. 1, p. 201-217, 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/16011>. Acesso em: 03 maio 2023.

MENEGAZ, Ellen; GERVASONI, Tássia A. Alfabetização digital no Brasil, entre Constituição e Freire. *In*: GERVASONI, Tássia; BOLESINA, Iuri; FORTES, Vinícius Borges (org). **Desafios do Direito e da Democracia**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. p.100-116.

MORAIS, Anuar Dainan de; FAGUNDES, Léia da Cruz. A inclusão digital da escola ou a inclusão da escola na cultura digital? **Diálogo**, Canoas, n. 19, p. 97-113, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5113533>. Acesso em: 23 maio 2023.

SILVA, Maria Elanny Damasceno *et al.* Ensino de Ciências Humanas: Uso de Interdisciplinaridade e Tecnologias. **Revista de Expressão Católica**, v. 8, n. 1, jan/jun. 2019. Disponível em: <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/rec/article/view/2445/pdf>. Acesso em: 18 maio 2023.

SOUZA, Maria Adélia De. As humanidades e a universidade: crise e futuro. **Biblos**, n. 1, p. 31-56. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/biblos/article/view/1_2. Acesso em: 02 maio 2023.